



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

GABRIELA OLIVEIRA DE FREITAS

**O PROGRAMA EDUCADOR SOCIAL VOLUNTÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA
FORMATIVA COM UMA ALUNA SURDA**

BRASÍLIA – DF

2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

GABRIELA OLIVEIRA DE FREITAS

**O PROGRAMA EDUCADOR SOCIAL VOLUNTÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA
FORMATIVA COM UMA ALUNA SURDA**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

BRASÍLIA – DF

2018

Freitas, Gabriela Oliveira.
Relato de experiência como educadora social voluntário/
Gabriela Oliveira de Freitas- Brasília 2018.

Monografia – Universidade de Brasília – Faculdade de
Educação, 2018.

Orientadora: Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

1.Relato 2. Observações 3.Língua de Sinais

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

GABRIELA OLIVEIRA DE FREITAS

**O PROGRAMA EDUCADOR SOCIAL VOLUNTÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA
FORMATIVA COM UMA ALUNA SURDA**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, como Requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão Examinadora

Prof.^a Dr^a Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Orientadora

Prof.^a Dr^a Otília Maria Alves de Nóbrega
Examinadora

Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento
Examinador

Prof.^a M. Sc. Viviane Carrijo
Suplente

Dedico este trabalho à minha filha, aos meus pais, minha irmã, aos meus familiares e aos meus amigos que acompanharam toda a minha trajetória na Universidade de Brasília, estando presentes oferecendo apoio, conforto, alegrias e aprendizagens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado à vida, saúde e por ter proporcionado realizar o sonho de ingressar em uma universidade pública, algo que em alguns momentos pareceu distante da minha realidade.

Agradeço aos meus pais, irmã, minha filha e toda minha família, por estarem sempre ao meu lado. Em especial aos meus pais por ter me proporcionado uma boa educação, formação moral e por nunca desistir de mim, vocês sempre foram minha inspiração.

Agradeço aos meus amigos que estiveram nos bons e maus momentos, me proporcionando momentos de diversão e apoio quando precisei.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Educação que contribuíram na minha formação profissional e pessoal. Principalmente à minha professora orientadora, Paula Cobucci, por acreditar no meu potencial.

Agradeço à Escola Classe 03 e às professoras que ali trabalham, por terem me recebido muito bem.

RESUMO

O presente trabalho apresenta experiências pessoais vivida em um programa do governo como Educadora Social Voluntária. Nesse sentido, foi utilizado como base referencial sobre o programa, editais e artigos explicando e relatando o funcionamento do programa. Nesse sentido o trabalho relata contribuições do papel da mediação da Educadora Social Voluntária em uma escola pública do Distrito Federal, com uma aluna surda. Foram feitas observações e também exercido o programa durante o ano letivo com a aluna surda. Além disso, o trabalho busca apresentar conceitos sobre Língua de Sinais e sobre a Lei Federal da Língua Brasileira de Sinais, para o desenvolvimento da compreensão do leitor. Foi possível concluir que a educação vem sendo evoluída com o passar dos anos quando diz respeito à educação inclusiva. Porém, precisamos sempre estar em constante evolução, sempre procurando melhorar nossa sociedade.

Palavras – chaves: Experiência Pessoal. Educadora Social Voluntária. Educação Inclusiva. Língua de Sinais.

ABSTRACT

The present work presents personal experiences lived in a government program as Volunteer Social Educator. In this sense, it was used as a reference base on the program, announcements and articles explaining and reporting the program's operation. In this sense, the paper reports contributions of the mediation role of the Voluntary Social Educator in a public school in the Federal District, with a deaf student. Observations were made and the program was also carried out during the school year with the deaf student. In addition, the paper seeks to present concepts about Sign Language and the Federal Law of the Brazilian Sign Language, for the development of the reader's understanding. It was possible to conclude that education has been evolving over the years when it comes to inclusive education. However, we must always be in constant evolution, always seeking to improve our society.

Key words: Personal Experience. Voluntary Social Educator. Inclusive education. Sign language.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	10
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	16
1.1 O que é o Educador Social Voluntário?.....	16
1.2 Como me tornei Educadora Social Voluntária	17
1.3 A Região Administrativa de Planaltina – DF.....	19
1.4 A estrutura da Escola Classe 03	21
1.5 Projeto Político Pedagógico da Escola	24
1.6 Início do trabalho na escola	25
1.7 A professora que eu acompanhei	25
1.8 Contextualizando a turma	26
1.9 A aluna que eu acompanhei	26
CAPÍTULO II	28
2.1 A rotina em sala de aula	28
2.2 Dificuldades na convivência	31
2.3 Dificuldades na aprendizagem	33
CAPÍTULO III	37
O que é Língua de Sinais?	37
3.1 Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002	38
3.2 A surdez e suas perspectivas.....	38
3.3 Conhecendo a Língua de Sinais	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	47

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Ao analisar com a situação de ter que relatar sobre momentos, vivências, até o momento presente, eu tive uma grande surpresa de já ter vivido inúmeras coisas interessantes. Mas, por outra linha de pensamento, a vida é curta precisando correr contra o tempo para as realizações dos objetivos deste momento.

Sou Gabriela Oliveira de Freitas, nasci dia 10 do mês de Outubro de mil novecentos e noventa e um, no Hospital Regional de Planaltina – DF. Tenho, hoje, 26 anos de idade. Sou filha do Divino Gonçalves de Freitas e da Sonia Lucia de Oliveira Freitas, tenho uma irmã que se chama Isabela Oliveira de Freitas e uma princesa linda minha filha Sophia Oliveira de Freitas Sales.

Meus pais começaram a se relacionar na juventude, logo minha mãe engravidou e casou. Eles tiveram oportunidade de estudo e os dois terminaram a escolarização normalmente. Antes do meu nascimento meu pai já era funcionário público do Banco de Brasília, e minha mãe era dona de casa. Logo eu nasci primeiro filho dos meus pais, morávamos em um barraco de fundo da casa de uma tia, éramos bem humildes e muito felizes. Tive uma infância muito perto de meus primos e familiares por parte da família do meu pai, graças a Deus meus pais me dava o melhor que podia. Mais os dias eram longos, acho que porque me sentia uma criança sozinha em casa por ser filha única.

Apesar de meus pais conseguirem estudar, toda a escolarização não foi fácil, então meus pais sempre colocaram em foco os estudos dos filhos, sempre sendo em prioridade. Por isso, eles me colocaram na escola aos três anos de idade em uma escolinha perto de casa. Então como comecei a estudar bem cedo, sempre tive facilidade na maioria das matérias, fala bem desenvolvida, escrita razoável e lateralidade boa, isso graças aos incentivos dos meus pais e professores que presenciei. Cursei a educação infantil e ensino fundamental I na Escola Classe 03 de Planaltina -DF, uma escola pública no bairro perto de onde eu morava. A escola tinha alguns recursos didáticos e professores bem preparados, inclusive essa escola está ativa até hoje e é recomendada pela comunidade, e exatamente nessa escola que eu trabalhei pela primeira vez como Educador Social Voluntário.

No primeiro ciclo da minha escolarização aconteceu um episódio bem interessante, na pré-escola da época os professores observavam alunos que se destacavam em sala, e no final do ano minha professora percebeu que meu ensino estava adiantado dos demais e resolveu fazer um tipo de “teste”, e se eu conseguisse atingir as metas da escola no ano seguinte eu adiantaria uma série (no caso, eu iniciaria no ano seguinte a segunda série, ao invés da primeira. Na época ainda se falava séries). E foi assim, consegui atingir o resultado e adiantei uma série no primeiro período da escolarização. Aos nove anos de idade já havia concluído a quarta série do ensino fundamental do primeiro período.

Antes de terminar a quarta série, com meus sete anos de idade nasceu minha irmã Isabela. Uma criança muito esperada, afinal eu precisava de uma companhia infantil, e assim minha infância foi brincando, ajudando e cuidando da minha irmã, usando sempre aquele lado maternal que temos.

Estudei na escola Centro de Ensino Fundamental 05 de Planaltina – DF da quinta a oitava série, nessa escola o ensino era mais precário, o bairro mais carente e eu não estudei o suficiente, estudei apenas para passar de ano. Meus pais sempre preocupavam muito com nosso futuro, então perceberam o nível da escola e me mudaram no Ensino Médio. Cursei o Ensino Médio também em escola pública, porém uma escola mais preparada, com professores com o foco na universidade pública e com mais recursos. Quando concluí o Ensino Médio, comecei a sonhar com a chegada da Universidade, mas não era economicamente capacitada para frequentar uma instituição particular, também não me preparei em cursinhos pré-vestibulares, mais a sonhada universidade não saía dos meus pensamentos e nem dos meus pais. Eu já sabia onde queria atuar que sempre foi a educação, mais meu pai era bancário e minha mãe técnico de enfermagem, eles me olhavam meio com dúvidas, sobre o porquê dessa minha decisão. Eu me lembro que sempre escutava de várias pessoas coisas do tipo: “professor não é valorizado no Brasil”, mais eles sempre me respeitavam.

Meu primeiro vestibular, a primeira opção foi Educação Física e segunda opção Pedagogia. Queria muito cursar na Universidade de Brasília (UnB), além de ser um desejo meu, era também desejo dos meus pais em ter uma filha formada na Universidade pública. Entretanto, naquele momento não conseguir ser aprovada. Fiquei bastante triste e frustrada. Mais no mesmo ano fiz vestibular na

Universidade Estadual do Goiás (UEG) em formosa para pedagogia, e para a minha alegria e dos meus pais, eu fui aprovada.

Aos 17 anos de idade, no ano de 2009, iniciei a tão desejada Universidade de educação. Primeiro semestre aquele entusiasmo, aquela dedicação e com essa adrenalina eu tive uma disciplina que apaixonei que era sobre as Necessidades Educacionais Especiais, foi quando eu comecei a gostar dessa área da educação. No meado do ano eu ouvi algumas alunas comentando da transferência facultativa para UnB. Meu sonho de estudar na Universidade de Brasília nunca morreu, então fui atrás para saber detalhes sobre essa transferência. No final do ano fui fazer a prova de seleção mais não estava muito confiante. Antes de sair o resultado da prova de seleção eu tive uma notícia que poderia mudar tudo, eu estava grávida aos 18 anos e no segundo semestre da Universidade.

Saiu o resultado da prova de seleção de transferência, eu fui aprovada, eu não conseguiria descrever a minha felicidade naquele momento e ao mesmo tempo o desespero de não conseguir conciliar a gravidez com a Universidade. Mais graças a Deus e a minha família que sempre me apoiou e me ajudou muito para que eu conseguisse realizar meu grande sonho de estudar na Universidade de Brasília.

E em 2010 estou eu na UnB, sem dúvida uns dos lugares mais fantástico e incrível que eu já presenciei. Os aprendizados únicos e maravilhosos que eu obtive nesse lugar transcendem o nível pedagógico. Gostei mais do que eu esperava do curso de pedagogia, as disciplinas, os professores maravilhosos e companheiras fiéis.

No meu primeiro ano na Universidade foi meio complicado, pois ocorreram greves e também o momento mais perfeito da minha vida o nascimento da minha filha. Não consegui pegar muitas matérias nos dois primeiros semestres, por conta do nascimento do meu bebê. Mais com ajuda de Deus e dos meus pais conseguir conciliar as coisas.

Me transformei durante o curso de Pedagogia, foram oferecidas muitas oportunidades de reflexão e da aprendizagem efetiva. Comecei a observar as fases de desenvolvimento infantil e fiquei encantada com a convivência com crianças pequenas, e minha filha sempre servia de “cobaia” em tudo, sabendo o porquê de suas ações. Durante estes anos o curso de Pedagogia, cursei várias disciplinas que

nos ofereceram as mais diversificadas formas de conhecimentos, busca e desenvolvimento de habilidades.

Nos Projetos I e II, tive uma introdução de como ocorreria os demais projetos. Tive contato direto com diferentes formas de pesquisa e técnicas de observações e de intervenções, sempre em campo que nos ofereceram a prática em acordo com as teorias, este é o caso da disciplina Pesquisa em Educação, onde tive uma introdução às pesquisas aprendendo a elaborar metodologias e conhecendo os conceitos de abordagem dos métodos qualitativo e quantitativo de uma pesquisa. Tivemos sempre a pesquisa como um meio pelo qual o pedagogo conhece uma realidade.

Mais na minha jornada acadêmica, sempre teve um campo do saber que mais me chamava atenção, que minha dedicação era maior e que me cativava bastante: a educação inclusiva. Até então não tinha um tema específico que superava os outros, eu queria aprender cada vez mais sobre todos.

Os semestres foram passando e eu procurava disciplinas nessa área inclusiva, eram poucas mais muito proveitosas. Eu me lembro que a disciplina “Escolarização de Surdos e LIBRAS” não era obrigatória na época, eu me matriculei e apaixonei nessa área. Eu excluí essa ideia que eu tinha que alunos surdos deveriam estudar separadamente. Aprendi que os alunos surdos devem aprender no mesmo contexto que os ouvintes, pois os alunos ouvintes também ficam em contato com a Língua de Sinais e isso proporciona aos alunos maior interação social.

Durante os semestres e as disciplinas que fui fazendo percebi que área que eu queria realmente atuar, fazer a diferença seria na área inclusiva, mais surgiram dúvidas, questionamentos, se eu conseguiria atuar nesse campo.

Como os surdos conseguiam o mesmo grau de intelecto dos ouvintes? Como seriam os primeiros ciclos escolares de uma pessoa surda? Quais métodos e recursos usaria com alunos surdos? A visualização e interação dos surdos com o mundo seria apenas através da Língua de Sinais?

Foram esses questionamentos que me deixou confusa e meio perturbada, aprender mais sobre esse mundo, para poder atuar com profissionalismo e amor. Espero em Deus concluir com sucesso este curso, e que

com a conquista do diploma eu tenha um futuro profissional brilhante, pois acredito na Educação como transformadora de realidades e quero viver esta transformação.

PARTE II MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é constituído de três partes. A primeira parte é composta por um memorial educativo e a introdução. No memorial foram apresentadas várias experiências formais e informais da minha vida. Com este memorial, foi possível que eu fizesse uma reflexão da minha vida pessoal e acadêmica e me ajudou a perceber os caminhos que me trouxeram até aqui.

A segunda parte, a Monografia, que é composta por três capítulos.

O primeiro capítulo relata a experiência pessoal vivida em um projeto do governo como educadora social voluntária. No decorrer do capítulo, explica-se sobre o projeto e o local que foi exercido.

No segundo capítulo, estão presentes os relatos e as observações mais relevantes colhidas no dia a dia da sala de aula. Relatam, ainda, questões do dia a dia da turma, questões sobre uma aluna da educação especial, dificuldades de aprendizagem e de convivência.

Já no capítulo terceiro, foi realizado um levantamento sobre normas e leis sobre a língua de sinais brasileira, visando a compreender melhor o tema.

Por fim, a terceira e última parte apresenta uma breve reflexão sobre as minhas perspectivas profissionais, relatando os meus desejos e anseios no campo do trabalho.

Este trabalho de conclusão do curso de Pedagogia tem como objetivo abordar a importância de uma experiência vivida com um trabalho desenvolvido como Educador Social Voluntário, em uma escola pública com uma aluna com necessidades especiais.

Sabe-se que, no dia a dia, se enfrentam desafios e não é fácil tornar uma escola acessível a todas as necessidades, com todos os profissionais e ferramentas especializados. O educando como agente inclusivo precisa de apoio especializado, o primeiro passo que deve ser dado é não deixá-lo de lado.

CAPÍTULO 1. RELATO DE EXPERIÊNCIA PESSOAL COMO EDUCADORA SOCIAL VOLUNTÁRIA

1.1. O que é o Educador Social Voluntário

O Educador Social Voluntário é um programa do governo federal com parceria com as secretarias de educação do Distrito Federal, para oferecer suporte às atividades educacionais aos alunos da rede pública, esse programa vem sendo desenvolvido aproximadamente desde 2012 no Distrito Federal.

A Portaria nº 48, de 1º de março de 2016, estabelece as condições do cadastramento no Programa do qual eu participei e é publicada no Diário Oficial do DF. São contemplados com o programa Educador Social Voluntário alunos da rede pública que participam da educação integral e da educação especial, incluindo as creches públicas integrais, indígenas matriculados nas unidades escolares.

De acordo com o Edital, o programa é desenvolvido para pessoas que estão disponíveis a realizar um trabalho voluntário e recebem apenas uma ajuda de custo para alimentação e transporte. Os voluntários que têm idade mínima de 16 anos podem desenvolver o trabalho com os alunos da educação integral, com autorização do responsável. Para o atendimento aos demais, incluindo os alunos da educação especial, os voluntários precisam ter idade mínima de 18 anos.

Os educadores sociais trabalham no suporte de atividades de ensino integral, educação especial e infantil e no terceiro ciclo fundamental, cada qual com a capacitação própria, em escolas públicas do Distrito Federal. Eles devem estar presentes nas atividades diárias da escola de segunda a sexta-feira. Suas atribuições, sobre orientação do professor titular, são estas:

- Desenvolver projetos e oficinas com os estudantes; Os projetos e oficinas são conversados e planejados com os professores e educadores sociais voluntários;
- Acompanhar os alunos nas horas de refeições e de higiene pessoal; O educador social recebe orientações da gestão da escola no início

do seu trabalho de como deve exercer essas atividades, cuidando, educando e auxiliando o aluno;

- Estimular a interação social entre colegas;

O tempo de voluntariado diário em cada unidade escolar terá duração de quatro horas, estabelecido em acordo com a equipe gestora. Cada voluntário terá direito a ressarcimento diário de R\$ 27,00 (vinte e sete reais) para cobrir também despesas de transporte e alimentação.

1.2. Como me tornei Educadora Social Voluntária

No decorrer deste relato, irei contar um pouco do meu trabalho desenvolvido como educadora social voluntária em 2016, e a minha trajetória até chegar a este trabalho.

A educação é o principal valor da sociedade, envolve algo além do que apenas técnicas de ensino. É um ato de se doar para pessoas que você não conhece e transmitir o conhecimento, transformando o pensamento de um jeito mais amoroso, íntegro e efetivo.

Sabendo disso, e querendo exercer esse processo na minha vida, descobri o curso e a profissão que queria para a minha vida. Durante o curso de pedagogia, eu me motivei com algumas disciplinas na área da Educação Especial e, para minha surpresa, fiquei imensamente apaixonada por essa área. Durante os semestres, cursei as disciplinas obrigatórias da área da educação especial que eram poucas, mas eu fui atrás, busquei disciplinas optativas da área, inclusive as que eram da área de Língua Brasileira de Sinais – Libras, e eu me encantei por essa língua. Na época, no semestre em que eu fiz a disciplina na Faculdade de Educação, cursei com a professora Edeilce Buzar, inclusive foi uma excelente regente.

Passaram-se alguns anos, e minha filha Sophia já estava com 5 anos e eu necessitava trabalhar urgentemente, não conseguia mais ficar me dedicando somente aos estudos.

Relatando esses episódios pessoais da minha vida para uma amiga de confiança, sobre a necessidade de uma renda financeira para ajudar nas despesas, ela comentou que estava trabalhando em um projeto do governo federal chamado Educador Social Voluntário. Eu não sabia do que se tratava, nunca tinha ouvido falar, muito menos qual seria o serviço e nem o valor do ressarcimento, mas fiquei muito interessada em saber do que se tratava o programa.

Uma amiga tinha muito conhecimento sobre o Programa e exercia a função a um ano de educadora social ou monitora voluntária, como hoje em dia também pode ser chamada. Durante alguns dias, fui pesquisar sobre o programa, e conversar com pessoas que trabalhavam nessas escolas com essa função. Analisei as vantagens e desvantagens, ouvi bastante os conselhos dos meus pais na época. O valor da ajuda de custo me desanimou muito, porque apesar de estar precisando financeiramente, estava passando por dificuldades naquele momento, e não sabia se valeria à pena.

Mais tinha algo na fala da minha amiga, quando ela relatava o trabalho dela em uma das escolas que ela exercia o programa do educador social voluntário que me chamou muito atenção, e me deixou mais apaixonada na área da educação especial. Ela falava que nunca pensou que poderia conseguir trabalhar com Pessoas com Deficiências¹, talvez não tivesse paciência ou habilidade e que não era algo com que queria trabalhar.

Mas ela me falava que, com o passar dos meses, ela foi surpreendida, viveu experiências gratificantes, indescritivelmente belas. Contou-me também que, quando eles conseguem realizar algo que há muito tempo estão persistindo, a sinceridade no sucesso, na gratidão é clara e recíproca.

E, com esse relato da minha amiga, eu fui mudando de ideia, fui colocando somente as vantagens à minha frente, pensei na experiência profissional e para a vida também. Com o passar dos dias, eu decidi participar do programa

¹ Desde o dia 3 de novembro de 2010, o termo “Pessoa portadora de Deficiência” foi substituído, segundo o que confirmava a tendência mundial, por “Pessoa com Deficiência”. (Secretaria de Direitos Humanos nº 2. 344, de 3 de novembro de 2010).

Educador Social Voluntário para estar mais perto da educação especial, estava muito ansiosa e disposta a começar imediatamente.

Mas um problema surgiu no meio do caminho, eu não sabia que o processo seletivo era somente no começo do ano, no início do ano letivo² e estava no meio do ano de 2015, então o que me restou foi esperar com paciência para a próxima seleção do ano seguinte.

No início de 2016, estava bastante ansiosa esperando pelo processo seletivo do Educador Social Voluntário. No começo de março, o edital para as inscrições e a seleção foi lançado. Cada região administrativa realiza a seleção na coordenação regional de ensino da sua cidade³.

Depois de todo o processo realizado, eu não consegui uma boa colocação no final, mas eu tinha muita fé em Deus e vontade e eu iria conseguir uma vaga em uma escola perto da minha residência. A regional de educação começou a convocação por ordem de classificação, e os candidatos iriam escolhendo as escolas conforme sua preferência e disponibilidade de vaga. Chegando perto da nomeação dos candidatos com minha classificação, surgiu uma última vaga em uma escola e perto da minha casa.

Em meados de março de 2016, comecei a exercer o trabalho de Educadora Social Voluntária na Escola Classe 03 de Planaltina – Distrito Federal.

1.3. A Região Administrativa de Planaltina/DF

A Região Administrativa de Planaltina (RA VI) foi criada em 19 de agosto de 1859 pela Lei n° 03 da Assembleia Provincial de Goiás. Criou-se, então, o Distrito de Mestre D' armas, que, nos termos da Lei, pertencia ao município de Formosa. Mais tarde, esta passou a ser a data oficial da fundação da cidade,

²O programa Educador Social Voluntário iniciou as inscrições de 15 a 20 de fevereiro de 2016. Envolvendo todo o Distrito Federal. Os interessados em participar do programa devem procurar a coordenação regional de ensino da cidade escolhida.

³No Distrito Federal ao todo existem 14 Coordenações Regionais de Ensino, sendo uma para cada Região Administrativa.

conforme o disposto no artigo 2º do Decreto “N” nº 571, de 19 de janeiro de 1967.

Planaltina, distante 38,5 quilômetros do Plano Piloto, é a mais antiga das regiões administrativas do Distrito Federal. Conservam, em suas ruas estreitas, centenários casarões. O local, na época chamado de Vila Mestre D'Armas, devido a um armeiro que morou na região, era ponto de escoamento do ouro retirado de Goiás e em 1917 a cidade foi batizada com o nome atual.

Imagem 1: Museu Histórico e Artístico de Planaltina



Fonte: www.planaltina.df.gov.br

Hoje, a Região Administrativa VI, com 1.537,16 quilômetros quadrados, é um dos pontos turísticos do Distrito Federal. O calendário de eventos da cidade é extenso. Os visitantes podem apreciar festas tradicionais, como a Folia do Divino, realizada no sétimo domingo após a Páscoa, e a Folia dos Santos Reis, no dia 6 de janeiro. O evento mais importante é a Via-Sacra, a mais concorrida festa religiosa do Distrito Federal, representada por atores da cidade, e que leva um público de cerca de 150 mil pessoas ao Morro da Capelinha, durante as comemorações da Semana Santa.

Imagem 2: Morro da Capelinha – Via Sacra



Fonte: www.planaltina.df.gov.br

1.4. A Estrutura da Escola Classe 03 de Planaltina

A Escola está localizada no Setor Residencial Leste, entre Quadras 1 e 2, Projeção G. Foi fundada no ano de 1973, em um bairro popular, de classe média, porém abrange crianças de bairros ao redores, que são localizados em bairros de classe bem inferiores e de periferias.

Imagem 3: Escola Classe 03



Fonte: Elaborada pelo autor

A escola dispõe de uma biblioteca, de uma sala da direção, sala de professores, uma sala de informática, uma videoteca, um parque de areia, cinco banheiros, sendo dois direcionados aos alunos maiores, que possuem espaço para cadeirantes, dois aos alunos menores um aos professores e funcionários, uma sala de recursos e um pequeno pátio coberto onde ocorrem apresentações e reuniões coletivas.

Imagem 4: Pátio da central da Escola Classe 03



Fonte: Elaborada pelo autor

As salas de aulas são espaçosas e arejadas, porém trazem um pouco de precariedade na conservação das mesas e cadeiras e forros da sala de aula. Os turnos atendidos são manhã e tarde. A faixa etária dos alunos atendidos pela escola vai de 5 anos a 15 anos, os alunos são do 1º ao 5º ano, totalizando 420 alunos matriculados na escola e 22 professores na equipe.

Imagem 5: Pátio da entrada – Escola Classe 03



Fonte:

Elaborada pelo autor

1.4.1. Organização Administrativa da Escola

A escola organiza reuniões bimestrais entre professores e monitores e semanais sempre que há necessidade. É estruturado um cronograma com datas de reuniões pedagógicas, estudos de recuperação, estudos da sala de recursos, conselhos de classe, reuniões de pais, o qual é encaminhado para a Coordenação Regional de Educação.

A direção da Escola é eletiva e tem atualmente como gestoras duas mulheres à frente, como diretora a professora Larissa Lúcia, e como vice-diretora a professora Maria Helena Lopes. A escola tem como rotina horário de entrada e saída dos alunos, sendo que o turno da manhã ocorre das 07h45 às 12h15 e o turno da tarde das 13h às 17h45.

Na Escola, são realizadas bimestralmente horas cívicas, nas quais, se faz um agrupamento das datas comemorativas para serem festejadas e lembradas.

1.5. Projeto Político Pedagógico da Escola

O Projeto Político Pedagógico foi desenvolvido para suprir as necessidades da escola, dos alunos, dos pais e da comunidade em geral. Tem como missão oferecer uma educação de qualidade, pautada nos princípios de uma democracia participativa, comunitária, cristã e ambiental, tornando-se um espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando.

A Escola Classe 03 de Planaltina tem por finalidade: exercer a função social da escola, basear-se por eixos norteadores e colocar em prática o trabalho pedagógico.

A Função Social da Escola tem como objetivo promover ao aluno, acesso ao conhecimento sistematizado e, a partir deste, a produção de novos conhecimentos. E desenvolver no aluno, suas potencialidades físicas, cognitivas e afetivas, capacitando-o a tornar um cidadão, participativo no meio em que vive.

Os Eixos Norteadores trabalhados são valores: respeito, solidariedade, disciplina, coletividade, criar para humanizar e compromisso.

O Trabalho Pedagógico implantado na escola são: trabalhar valores culturais, morais e físicos. Integração de elementos da vida social aos conteúdos trabalhados. E a compreensão destes alunos como um cidadão que deve ser um agente transformador da sociedade, além de crítico, responsável e participativo.

Algumas das atividades de planejamento propostas no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola.

- Estabelecer períodos para observar o “conhecimento prévio do aluno”.

- Reunião Geral, para planejar as questões pedagógicas e administrativas. Aproximando as disciplinas curriculares, professores, equipe pedagógica, construindo propostas interdisciplinares em diferentes níveis.

- Agendar momentos no calendário escolar para planejar por segmentos.
- Organizar projetos pedagógicos que envolvam todos os segmentos da escola, com a participação da comunidade.
- Formação continuada, através de oficinas, palestras, debates e estudos em grupos.

A escola deve ser crítica, reflexiva e possibilitar a toda a comunidade um projeto político pedagógico consolidado pela colaboração mútua e o exercício da construção coletiva estimulando experiências coletivas que estão acontecendo na escola.

1.6. Início do Trabalho na Escola

Ao chegar, eu fui muito bem recebida, conhecia alguns funcionários por morarem no mesmo bairro que o meu, a gestão me mostrou a escola e me apresentou aos funcionários que ali trabalhavam. No mesmo dia, a Diretora já escolheu em qual sala eu iria exercer meu trabalho, explicou um pouco sobre a turma e os alunos com dificuldades na aprendizagem. Em especial, falou-me da Joana⁴, que era a aluna que eu iria acompanhar mais especificamente.

Minha principal tarefa era dar suporte na turma de ensino fundamental I, turma com 18 alunos, faixa etária de 09 a 13 anos, alunos do 4º ano, a sala era reduzida por conta de dois alunos especiais, um aluno diagnosticado com Deficiência intelectual e a Joana, que era a aluna que eu acompanhava, também apresentava Deficiência Intelectual, além de dificuldades na fala e na audição. A professora que lecionava na sala de aula na qual eu trabalhava estava substituindo a professora efetiva, que estava de licença maternidade.

1.7. Professora que eu acompanhei

A professora substituta tinha formação em magistério e graduação em Pedagogia, atuando como professora temporária. O planejamento da professora

⁴Nome fictício, para não expor a aluna.

seguia a linha tradicional e, conforme ela mesmo ditava, que sua própria experiência de educadora de 10 anos serviria de base para trabalhar no seu dia a dia, com o seu foco principal de passar o conhecimento para os alunos.

Os recursos didáticos usados em sala pela professora eram o quadro branco, pincéis, atividades xerocadas e os livros didáticos. A metodologia usada foi questionários, leitura oral, exercícios xerocados, trabalhados no quadro, no livro e alguns jogos eventualmente que ela dava em alguns períodos dos bimestres.

1.8. Contextualização da Turma

Na sala de aula, havia 18 alunos, pois a sala era reduzida por conta dos alunos com dificuldades de aprendizagem. A idade média dos estudantes variava de 9 a 13 anos. A turma era composta por alunos de classe média baixa, em que muitos participam de projetos do governo, como Bolsa Família.

Os alunos apresentavam bom relacionamento com a professora e comigo, a educadora social voluntária, porém eram bem agitados e alguns entravam às vezes em divergências com os colegas e acabavam com agressividade.

Os conhecimentos trabalhados ao longo do ano foram correspondentes às matérias Matemática, Língua Portuguesa, Artes, Ciências e Geografia.

A sala de aula era organizada em fileiras individuais, exceto a minha aluna, Joana que eu acompanhava, e sentava-se ao meu lado, exceto quando a professora preparava atividades em grupos ou trios.

A turma tinha como rotina lanchar às 15h, a escola não é adepta ao intervalo, mais possui atividades de lazer para as crianças, cada dia algo diferenciado, como parque, quadra, vídeo, informática ou sala de leitura.

1.9. A Aluna que eu acompanhei

A mãe da Joana, durante a gravidez, teve complicações, muita pressão alta e teve Eclâmpsia⁵ no final da gestação, ocorrendo à antecipação do parto. Joana teve prejuízos no seu desenvolvimento e, com o passar dos anos, sua mãe foi percebendo a dificuldade na fala e na audição e, nos primeiros anos da escola, os

⁵Afecção grave que ocorre geralmente no final da gravidez, caracterizada por convulsões associadas à hipertensão arterial. Fonte: guiadobebe.uol.com.br/parto/eclampsia.htm e drauziovarella.com.br/Sintomas/5318/eclampsia-e-pre-eclampsia

educadores perceberam a dificuldade intelectual da menina. Anos depois, um profissional da saúde a diagnosticou com Deficiência Intelectual⁶ e surdez total em um ouvido (DIREITO⁷) e o outro era 20% comprometido; nesse, ela usava aparelho auditivo, sendo surda unilateral. Essas complicações afetaram também a fala.

Joana morava com a mãe, o padrasto e uma irmã mais nova. A mãe relatava que o comportamento dela em casa era tranquilo, porém não gostava de ser contrariada e ficava nervosa quando não conseguia se comunicar direito com seus familiares. Seu relacionamento com a família no geral era muito bom, ela era amorosa, gostava de receber carinhos e afagos. Na escola, em relação ao convívio com colegas e funcionários, ela era bem respeitosa e amorosa, nas atividades em sala de aula, seu comportamento dependia do que era proposto, em alguns dias, mostrava mais interesse e, em outros, aparentava preguiça e desinteresse em realizar.

A aluna realizava acompanhamento no neurologista, fonoaudiólogo e, no horário inverso da aula, três vezes na semana, tinha atendimento na sala de recursos na escola. No meio desse ano, a aluna começou a fazer equoterapia, um tipo de terapia com cavalos que serve para estimular o desenvolvimento da mente e do corpo.

No segundo bimestre do ano letivo, a professora criou situações que buscaram promover a inclusão e a integração dos seus alunos. Ela propôs problemas desafiadores, em que os estudantes deveriam desenvolver a aprendizagem com base na criatividade e a partir de estímulos. A professora planejou práticas pedagógicas inclusivas, nas quais ela utilizou-se de diversas metodologias e formas de ensino-aprendizagem. A intenção da professora foi criar alternativas de ensino que buscassem despertar o interesse dos alunos, as quais a professora chamava de “aula diferenciada”, usando recursos e estratégias, como pinturas, artesanatos, colagens e músicas.

⁶O termo deficiência intelectual refere-se a limitações significativas no aprendizado, raciocínio, resolução de problemas, compreensão do mundo e desenvolvimento de habilidades cotidianas da vida. Fonte: aaidd.org/intellectual-disability

⁷Ao longo deste trabalho, aprendi que, quando um estudante apresenta surdez ou baixa audição em um ouvido, ele deve sentar-se com o ouvido com a melhor audição voltado para a professora, para que possa captar os sons da melhor forma possível. Na época, eu não tinha conhecimento dessa informação e a escola não me orientou, então a estudante sentava-se com o ouvido com a melhor audição voltado para o lado da janela da sala.

CAPÍTULO 2. RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS

No segundo semestre de 2016 iniciei o trabalho de Educador Social Voluntário, na Escola Classe 03. Durante todo o semestre eu tive a oportunidade de participar das atividades em sala de aula, porém serão apresentados a seguir os relatos de algumas observações mais relevantes, por diferentes motivos peculiares, os quais serão explicados mais adiante.

2.1. A Rotina em sala de aula

A professora começa a aula com a rotina, dando boa tarde e falando sobre o dia anterior, preenche o calendário com os alunos. Pergunta que dia foi ontem e fala que dia é hoje. Nesse dia, estavam presentes 16 alunos. Ela pergunta como foi a parte da manhã em casa para os alunos e quantos colegas faltaram no dia. Os alunos, em voz alta ao mesmo tempo, falaram os nomes dos colegas.

A rotina em sala de aula tem como vantagens tornar os alunos mais responsáveis e cientes de suas obrigações e deveres no dia a dia. Além disso, ajuda no planejamento escolar, gera mais segurança para a família das crianças, melhora o relacionamento entre os pequenos e aumenta a confiança e a autonomia do educador.

A professora finalizou esse momento de interação inicial, convidando uma criança aleatoriamente para fazer a oração do Pai-Nosso, em voz alta. Embora algumas pessoas considerem que a escola não deve adotar práticas religiosas, acreditamos serem válidas ações como iniciar o dia agradecendo a Deus pela oportunidade de ter saúde, de ir à escola, estudar, conviver com os amigos, ter uma casa, uma família. É uma forma de ensinar as crianças a serem gratas pelo que elas têm, a valorizarem os aspectos positivos da vida. Acreditamos na escola como ambiente favorável para ensinar não só conteúdos, mas valores para formar indivíduos preparados para a vida.

A professora fala em voz alta para os alunos que o conteúdo a ser trabalhado aquele dia seria no livro didático, sobre interpretação de texto, falou a página para os alunos e pediram que eles lessem individualmente.

Como a aluna que eu auxiliava ainda não era alfabetizada, a professora considerou que a atividade de leitura seria um pouco difícil para a compreensão dela, então a professora passava atividades diferenciadas. A professora passou uma atividade em que ela teria que cortar papéis coloridos pequenos e, em seguida, fazer a colagem em um desenho em folha A4, que era relacionada ao conteúdo do texto que os outros alunos estavam lendo. É importante mencionar que considera-se imprescindível o planejamento e a oferta de atividades específicas para estudantes com necessidades educacionais específicas ou em estágios diferentes de conhecimentos. No entanto, no planejamento, deve-se avaliar se essas atividades irão, de fato, proporcionar que os alunos avancem na aprendizagem ou se a proposta é uma forma de manter o aluno ocupado com atividades que ele consiga fazer enquanto a professora desenvolve os conteúdos principais com o restante da turma. Nesse caso, por exemplo, eu, como educadora social voluntária responsável pelo acompanhamento da aluna, poderia ter lido o texto para ela, explicando as informações mais relevantes, de forma que ela pudesse acompanhar as atividades propostas para os colegas, com a adaptação da leitura.

Alguns alunos leram o texto mais rápido e depois pediram para pintar o desenho da história. Em seguida, a professora pediu para cada aluno ler um trecho do texto em voz alta. Finalizando a leitura, comentou sobre o texto e fez perguntas sobre o texto aos alunos.

Na história, havia palavras diferentes das do cotidiano dos alunos e que muitos deles não sabiam o significado. A professora passou uma atividade que usasse o dicionário para procurarem o significado das palavras que eles não conheciam a maioria já estava bem familiarizada com o material, foi bem tranquilo o manuseio. Logo em seguida, a professora passou duas páginas de exercícios de interpretação de texto.

Enquanto os alunos estavam realizando a atividade proposta pela professora, eu estava auxiliando Joana no manuseio da tesoura, cortando papéis,

trabalhava também as cores dos papéis, a coordenação motora, ela amava atividade que envolvia artes.

Após esse momento, ocorreu uma pausa para o lanche, por volta das 15h. Em seguida, os alunos foram ao banheiro e fizeram o momento da escovação dos dentes. Destaca-se o importante trabalho desenvolvido pela escola, no ensino e o incentivo de hábitos de higiene diários, extremamente relevantes para todos os seres humanos, que muitas vezes os alunos não aprendem em casa.

Ao retornar, a turma continuou trabalhando com o texto, a professora corrigiu no quadro os exercícios, e explicou sobre parágrafos, substantivos, adjetivos e pontuação. A professora realizava a correção coletiva das atividades, começando com os questionamentos em voz alta, esperando as respostas dos alunos, assim que eles respondiam, ela ia corrigindo no quadro e deixando a resposta exposta. Utilizando do texto, das perguntas e respostas, explicou conteúdos diversos utilizando o recurso do quadro branco.

Outra atividade proposta pela professora foi elaborar um texto com um tema livre, ela lembrou novamente os aspectos trabalhados e os alunos começaram a atividade. A atividade “tema livre” pode revelar falha no planejamento de aula do professor, ao evidenciar que ele está preenchendo o tempo da aula ou pode demonstrar também um despreparo do professor para elaborar uma proposta de produção textual com significado social para os estudantes: temas apropriados à realidade dos alunos, interlocutores factíveis, finalidades reais, suporte de circulação adequado. Seria mais eficiente se a professora tivesse estabelecido uma proposta para os alunos trabalharem o texto e conhecerem melhor o tema antes de escreverem sobre este.

A professora fez um atendimento individualizado a Joana, a minha aluna com dificuldades de aprendizagens, e como a atividade proposta no início da aula era bem detalhista e precisava de um tempo maior, a aluna ainda a estava realizando. A aluna tem limitações no aprendizado, déficit de atenção. Então precisava de uma maior atenção, compreensão e ajuda para a realização das atividades em sala de aula.

Essa foi a última atividade da aula em sala. Como na rotina da escola não tem recreio coletivo, eles disponibilizavam atividades extras, diferenciadas todos

os dias. São atividades desenvolvidas em salas de vídeos, salas de informáticas, parques de areia e quadra esportiva, sendo sempre acompanhados pelo professor e monitores.

Quando terminaram as atividades, a professora levou os alunos ao parque de areia, de que por sinal eles gostam bastante. Logo após o horário do parque, é o horário da saída dos alunos. O ato de brincar é um momento de novos aprendizados sociais, motores e pedagógicos. É uma hora que representa para a criança um momento de liberdade, explorando sensações, espaços e novas amizades.

2.2. Dificuldades na convivência

Nesta aula, estavam presentes quinze alunos. De início, foi realizada a rotina, oportunidade em que a professora pergunta sobre o dia do mês, da semana e o ano, e quantas crianças presentes e ausentes no dia. Ela aproveita para trabalhar o raciocínio matemático dos alunos.

A professora sempre procurava formas de incluir a aluna Joana, que tem necessidades especiais, nas atividades propostas em sala de aula, mesmo ela realizando atividades adaptadas para o nível do seu conhecimento. Neste dia, a professora pediu a Joana para realizar a contagem dos alunos, mas os demais alunos, sem muita paciência de aguardar o tempo da aluna para terminar a tarefa, responderam primeiro. Deveria ser dever da escola também trabalhar com os alunos a importância de respeitar os outros, as diferenças individuais, não só em relação à colega com deficiência, mas em todas as situações de relacionamento interpessoal.

O trabalho com a Joana precisava ser diferenciado, com muita paciência, precisávamos usar recursos para nos comunicar, usávamos gestos, por ambas não saberem língua de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras)⁸ ou falar bem perto do ouvido, pois ela usava aparelho auditivo.

⁸Libras é a sigla de Língua Brasileira de Sinais, Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um

A aluna tem surdez em ouvido e no outro ouvido tem audição parcial de 20%, usando aparelho nesse ouvido. Nosso trabalho de comunicação com ela precisava ser por gestos, falando bem perto do ouvido ou por leitura labial. Com o passar do tempo fomos nos adaptando com o que tínhamos, porque tínhamos falha na falta de saber a Língua de Sinais (Libras).

Dando continuidade à aula, primeiramente a professora me passou uma atividade específica para a Joana, uma cruzadinha com desenhos, ela adorava cruzadinhas. Apesar de não saber ler, ela tinha uma percepção e memória muito apuradas. Eu, com o papel de auxiliar nas atividades, escrevia os nomes das figuras ao lado e ela olhava, relacionava e procurava na cruzadinha.

Com o restante da turma, a professora realizava a correção do dever de casa, sobre ordem alfabética das palavras e significados procurados no dicionário.

A professora passou uma atividade no quadro com o objetivo de compreender e representar os numerais através da escrita. Ela colocou números aleatórios e pediu a escrita por extenso, outro exercício de ordenação de números naturais e comparação de números naturais. A professora explicou as atividades propostas em voz alta, e tirou dúvidas dos alunos.

Em sua prática de sala, gosta de andar entre os alunos para acompanhar o desenvolvimento e o comportamento da sala. Esse comportamento é muito interessante, porque, além, de proporcionar que a professora acompanhe melhor a aprendizagem dos alunos, permite um relacionamento mais próximo e amoroso.

A professora deixou os alunos bem à vontade, realizando as atividades individualmente. Alguns minutos depois, quando a maioria já tinha finalizado o dever, a professora chamou os alunos para responderem os exercícios no quadro. Alguns alunos são mais desinibidos e se oferecem a participar, outros mais tímidos precisam de um incentivo maior, mas a maioria da sala se envolveu com a atividade.

Com o término da atividade da minha aluna Joana, percebi que ela estava um pouco agitada e inquieta, e como a próxima atividade proposta pela

professora seria a apresentação de um filme, decidi dar uma volta na escola com ela. Então, pedi licença à professora expliquei como ela estava, fui andar um pouco com ela, conversar, tentar distrair e acalmá-la.

A aula foi finalizada com uma última atividade, o filme “Os Incríveis”, proposto pela professora regente, para propiciar um momento lúdico. Ela fez pipoca para os alunos e os colocou sentados em meio-círculo para assistirem ao filme em sala.

2.3. Dificuldades na aprendizagem

Neste dia, teve a entrada no pátio com todos os alunos da escola, eles cantaram o hino nacional e uma música do cotidiano escolar escolhido pelos próprios alunos. Por último fizeram a oração do Pai-Nosso, e todos se dirigiram para suas respectivas salas.

A professora começou a aula dando boa tarde, perguntando do dia dos alunos, sobre o que se alimentaram antes de irem à escola. Essa é uma forma de verificar se todos os alunos foram cuidados, se fizeram as principais alimentações do dia, algo que infelizmente não acontece em muitas escolas públicas de nosso País. Seguindo-se a rotina, da mesma forma de sempre, perguntando quantos meninos e meninas estão presentes e ausentes, o dia da semana e do mês.

Neste dia, a professora começou o conteúdo, explicando sobre encontro vocálico. Primeiro, a professora perguntou aos alunos se eles tinham alguma informação do que se tratava aquele assunto, alguns falaram gracinhas e brincadeiras, mas alguns responderam realmente algo certo, ela explicou o que seria, a presença de dois sons de vogal e semivogal na mesma sílaba Ela explicou no quadro o conteúdo do encontro vocálico, colocando palavras como exemplos para os alunos entenderem melhor. Em seguida, perguntou se a turma tinha dúvidas, a professora sanou as dúvidas que foram surgindo e passou mais alguns exemplos para a compressão dos alunos.

A professora parou por um momento a aula e percebeu que a aluna com necessidades especiais não estava muito atenta, talvez por não estar escutando muito bem ou não estar entendendo. A professora gesticulando e falando mais com Joana, falou que iria passar uma atividade de artes, não fazia relação com o conteúdo proposto para a sala, porém ela falou que iria trabalhar a coordenação motora, usando tinta e pincel com a aluna, eu atendi as instruções e trabalhei com a Joana a atividade. Percebe-se, mais uma vez, que a estudante não acompanha os conteúdos sequer as disciplinas propostas para a turma.

Dando continuidade na aula, a professora realizou uma pausa para a hora do lanche e, posteriormente, tiveram o momento da escovação dos dentes e ida ao banheiro.

Ao retornar do lanche, a professora voltou a trabalhar com o conteúdo sobre encontro vocálico. Ela pediu aos alunos para que pegassem revistas e jornais no armário no fundo da sala e se juntassem em duplas para a realização da atividade. Na próxima atividade, os alunos deveriam procurar palavras com encontros vocálicos em revistas e jornais, colá-las no caderno, circular os encontros vocálicos e fazer a separação de sílabas.

Enquanto o restante dos alunos realizava a atividade proposta pela professora, eu auxiliava a minha aluna Joana, tínhamos dificuldades de comunicação, pois ela tinha a audição prejudicada, mais sempre arrumávamos um jeito de nos entendermos. Ela não sabia ler, mais demonstrava que sabia diferenciar algumas vogais e consoantes, e relacionava alguns sons de algumas letras.

Quando a atividade foi concluída pelos alunos, a professora foi perguntando em voz alta as palavras escolhidas nos jornais e revistas, e foi corrigindo no quadro. Por volta de 17h próximo ao fim da aula a professora decidiu levar os alunos ao parque para distrair um pouco, assim finalizando mais um dia de aula.

2.4. “Terra, Planeta Água”,

A professora iniciou fazendo a rotina com os alunos, como de costume. Neste dia, estavam presentes quinze alunos, oito meninas e sete meninos. Após realizar a rotina, a professora perguntou aos alunos como tinha sido o fim de semana deles, se alguém queria comentar algo em especial, depois das oportunidades dos alunos, a própria professora também comentou como foi o seu. Criar uma rotina para as atividades da criança traz organização para a vida diária e ajuda a evitar momentos de correria ou estresse infantil.

Nessa semana, a escola iria trabalhar com todas as turmas sobre a importância da água e a economia da própria. Então a professora começou o conteúdo explicando o projeto proposto pela escola para ser trabalhado durante a semana. Ela comentou com a sala que os objetivos que precisava ser alcançados seriam, reconhecer a importância da água para o surgimento e manutenção da vida, reconhecer o uso correto desse recurso e entender a importância para o mundo inteiro. Depois de toda a explicação, tirou dúvidas dos alunos, deixou os alunos comentarem sobre o assunto, a professora continuou a aula falando um pouco sobre a água.

A professora explicou um pouco sobre a água, falando que ela é o recurso natural mais importante no mundo, que o nosso corpo necessita de muita água diariamente, é um dos recursos mais importantes para a humanidade, que não podemos viver sem ela, os vegetais e animais também precisam dela para viver. Falou também da importância dela em diversas coisas que fazemos no nosso dia a dia, por exemplo, preparação de refeições, nossa higiene pessoal e doméstica, produção de energia elétrica, irrigação e muitas outras coisas. Enquanto a professora foi falando sobre a água, os alunos foram ficando bastante interessados no assunto, dando informações, fazendo perguntas, querendo interagir no conteúdo, estavam realmente todos bem entusiasmados. Finalizando o conteúdo e parte teórica da aula a professora interrompeu um pouco a aula porque estava na hora do lanche, aconteceu o momento e logo depois a escovação e ida ao banheiro.

Dando continuidade na aula, a professora disse que iria passar uma música com o tema relacionado ao que tinha sido abordado no início da aula e, em

seguida, entregou uma cópia impressa da letra da música para cada aluno. A música era a “Terra, Planeta Água”, do Guilherme Arantes. Depois que a música foi reproduzida, a professora pediu para que os alunos se organizassem em duplas. Ela propôs uma atividade que cada dupla produzisse uma imagem (desenho, pintura, etc.) ou maquete, cartaz, que ilustrasse as informações de um trecho da música que eles mais tinham gostado e no final da aula apresentaria sua produção para a turma.

A professora forneceu recursos necessários, conforme a disponibilidade da escola. Os alunos ficaram bem empolgados, alguns que são mais tímidos ficaram preocupados com a parte das apresentações, mais no geral, percebi que os alunos se empolgaram com a atividade diferenciada do cotidiano.

Percebi que a minha aluna Joana estava um pouco confusa, tentei comunicar com gestos e fala mais alta, expliquei para ela a atividade proposta para turma. A professora me deu um desenho sobre a água e propôs uma atividade de colagem com papel crepom, ela gostou da atividade, dei total auxílio e juntas fomos nos ajudando.

Ao final da aula, somente a metade dos alunos conseguiu fazer as apresentações por conta do horário, mas a professora deixou que o restante concluísse no dia seguinte.

CAPÍTULO 3. O que é Língua de Sinais?

A necessidade de comunicação com a estudante surda exigiu que eu conhecesse melhor o que é Língua de Sinais. Assim, eu aprendi que a comunicação dos surdos não se desenvolve simplesmente por mera sinalização ou gesticulação, mas por meio da configuração de mão uma, Língua Gestual, conhecida como Língua de Sinais (LS). Ao contrário do que muita gente pensa, a LS não se realiza apenas com mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar sua comunicação.

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais, e conseqüentemente, compartilham algumas características que atribui caráter específico e as diferenciam dos demais sistemas de comunicação.

É possível classificá-la como Língua porque contém os requisitos necessários: tem um funcionamento gramatical e enunciativo próprio. Ela funciona no território nacional, tem uma história particular e está associada a uma produção discursiva específica. Uma das características de Libras como brasileira está de acordo com o fato de que ela é diferente de outras línguas de sinais praticadas em outros territórios.

Ela não é uma língua universal. Por isso, da mesma forma que os ouvintes em países diferentes se comunicam em línguas diferentes (italiana, inglesa, portuguesa etc.) os indivíduos surdos, inseridos em “Culturas Surdas”, apresentam suas próprias línguas, com características e estruturas peculiares; portanto, há muitas línguas de sinais diferentes, como por exemplo, a LSF – Língua de Sinais Francesa e a ASL – Língua de Sinais Americana, entre tantas. No Brasil, temos a Libras – Língua de Sinais Brasileira.

Segundo Stokoe em 1960, ele percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os requisitos linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Ele observou que os sinais não eram imagens, mais símbolos abstratos complexos, e cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes, - a localização, a configuração de mãos e o movimento, e que cada possuía um número de combinações limitado.

Libras, ou Língua de Sinais Brasileira, é a língua de sinais reconhecida por lei (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002) como meio de comunicação e expressão de grupos de surdos do Brasil. Merece ser lembrado que a lei coloca LIBRAS no do grupo das línguas do Brasil.

A Libras segue as mesmas regras das outras línguas de sinais. Nela, os sinais representam as palavras ou item lexical de uma língua oral-auditiva. Estes sinais são formados a partir do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, e devem ser produzidos na frente do corpo, em espaço que vai da cabeça até a cintura do indivíduo, com uma distância entre a mão direita e a esquerda estendidas lateralmente.

3.1. Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002

Art. 1º: é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único: entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos nas comunidades de pessoas surdas do Brasil.

3.2. A Surdez e suas perspectivas

Considera-se surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum e, parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva. A competência auditiva é classificada como: normal, perda leve, moderada, severa e profunda. A surdez severa e profunda impede que o aluno adquira, naturalmente, a linguagem oral. (Ministério da Educação, 2005, p. 68).

De acordo com essa diferenciação da pessoa surda, podemos constatar que a surdez é uma diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, e que trazem consequências ao desenvolvimento da linguagem oral, a pessoa com surdez profunda será necessitado de informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana. Quanto maior for a perda auditiva, maiores

serão os problemas linguísticos e maior será o tempo em que o aluno precisará receber atendimento especial.

Os surdos têm o direito a uma educação bilíngue que priorize a língua de sinais como sua língua natural e primeira língua, bem como o aprendizado da língua portuguesa, como segunda língua. (Ministério da Educação, 2005, p.71).

O desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo e social de uma pessoa surda que é filha de pais surdos, que desde o nascimento foi sujeitado a língua de sinais é totalmente diferente daquelas que foram privados dessa forma de linguagem.

Portanto as pessoas com surdez têm direito a uma educação de qualidade, onde ele se sente mais respeitado e incluso, ao invés de rejeitado ou diferente dos demais.

3.3 Conhecendo a Língua de Sinais

As pessoas ouvintes adquirem a língua oral por sua via auditiva através das informações. Por sua vez, as pessoas com necessidades auditivas adquirem a linguagem pela via visual, e naturalmente aprendem a língua de sinais, em contato e vivência com os usuários dessa língua

A língua de sinais é rica em sua estrutura, pois, dispõe de uma linha gramatical, com regras fonológicas, morfológicas e semântica, não é uma cópia da língua portuguesa, ela é uma construção histórica/social de uma comunidade que se expressa os pensamentos mais complexos e ideias abstratas.

As línguas de sinais têm um sistema linguístico diferenciado em cada país, por ser uma construção histórica e social, o produto cultural de cada comunidade se diferencia uma da outra.

O objetivo da língua de sinais é estimular a criança surda de zero à três anos o desenvolvimento espontâneo da Língua de Sinais, como forma de

expressão, de comunicação e interação sócio cultural e ainda ela é suporte do pensamento e desenvolvimento cognitivo.

Quanto mais cedo a criança surda adquirir a língua de sinais, mais possibilidade de estruturação do pensamento e da cognição e fluente interação social ela terá.

Por isso, existe uma grande importância dos pais serem conhecedores dessa forma de aprendizagem.

A situação de crianças surdas, filhas de pais com surdez, é considerado completamente distinta, porque ambos utilizam a língua de sinais como primeira língua, a tendência é desenvolver um potencial linguístico bem maior do que as crianças que estão convivendo com pais ouvintes, porém se os pais souberem a língua de sinais facilitará e ajudará muito o desempenho e a compreensão do surdo.

Boa parte dos surdos, oriundos de extratos superiores da classe média e da classe alta, é encaminhada para classes comuns do ensino regular e lá conseguem níveis altamente satisfatórios de escolarização, chegando, alguns deles, a atingir o nível superior. (Ministério de Educação, 1998, p.316).

Muitas pessoas que tem necessidades auditivas rompem barreiras do preconceito, da discriminação, mostrando que são capazes de conquistar seu espaço tanto quanto os ouvintes e estão numa sala de aula inclusiva aprendendo e cumprindo suas obrigações como cidadãos e exigindo seus direitos por lei de ser respeitado dentro dos seus limites.

É importante os sistemas educacionais estejam preparados para lidar com as diferentes demandas socioculturais presentes nas escolas, modificando propostas pedagógicas, fazer adaptações nos currículos visando alcançar a todos numa modalidade inclusiva, respeitando as diferentes formas de aprendizagem. A fim de que o convívio entre as diferenças possa ser, de fato, um exercício de crescimento e desenvolvimento para todos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem. Além de que, o professor tem a passar de conhecimento para o aluno, quanto de receber como experiência esse novo desafio

A inclusão de alunos surdos no contexto regular de ensino, impõe-nos um grande desafio uma vez que, dada a diferença linguística que lhes é peculiar, é muito difícil seu acesso aos conteúdos de ensino, de forma igualitária, em relação aos demais alunos, tendo em vista que, neste contexto, a forma usual de comunicação é a língua oral, para a qual essa parcela de educandos encontra maior dificuldade, devido ao impedimento auditivo. (Ministério de Educação, 2005, p 95).

A partir do momento que a criança começa a frequentar a escola, ela começa a ser outro meio importantíssimo de socialização que será determinante para o desenvolvimento posterior de vida da criança, conhecimentos, religiões, entre outro. O meio educacional precisa propor uma melhora na educação inclusiva, que valorize a língua de sinais, e que a identidade da criança surda seja respeitado, dando lhe oportunidades de

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como escopo uma escola pública do Distrito Federal em Planaltina. Por meio dela, eu pude perceber que a gestão procura promover sempre o melhor desempenho de seus alunos com necessidades educacionais específicas, buscam a melhor forma de atender, na medida do possível, as expectativas de seus alunos.

É gratificante ver que as instituições aos poucos estão acolhendo melhor os alunos inclusos e incluindo também os familiares, desse modo podendo trabalhar juntos visando sempre ao bem estar dos estudantes.

Porém, nem tudo são só aspectos positivos, ainda há muito a se melhorar nas escolas inclusivas. Pude perceber que existe uma falta de profissionais especializados, faltam também recursos para os alunos com deficiência auditiva nesta escola. Por outro lado, os recursos e auxílios são bem mais presentes e cooperam melhor para os alunos com outras necessidades educacionais específicas, como déficit de atenção, os autistas e os alunos com dificuldades de aprendizagens. Os educandos inclusos precisam de apoio especializado, o profissional da educação tem o dever de não deixá-los de lado.

O aluno que tem dificuldades intelectuais geralmente precisam de muita prática até conseguir compreender um conteúdo. O professor não deve ficar muito preocupado em seguir o currículo à risca, mas sim em respeitar o ritmo desse estudante. Percebe-se que é mais relevante oferecer atividades relativamente fáceis, e, aos poucos, aumentar a dificuldade, conforme as possibilidades do educando.

Os alunos com deficiência intelectual geralmente precisam de um tempo maior para realizar as atividades. O aluno precisa se manter mais calmo, para uma melhor concentração e eficácia das atividades propostas. O fundamental em sala de aula não é o que ele aprendeu em termos de conteúdo, mas sim se houve evolução, mesmo que seja pequena.

O ponto de partida pode ser algo que mantenha o aluno atento, algo pelo qual ele sinta maior prazer e satisfação em realizar, por exemplo, jogos de

tabuleiro, quebra-cabeça, jogo da memória e imitações de sons ou movimentos ou outras estratégias que prendam sua atenção. Sempre que possível e mesmo que o trabalho seja diferente, o aluno deve participar do grupo, essa é a inclusão de fato.

A afeição, a emoção, o carinho e a amizade entre o professor e a criança com deficiências são componentes essenciais e fundamentais nas atividades de conversação e diálogo, isto é, na interação.

O aluno com deficiência auditiva que for inserido em uma sala de aula comum do ensino regular, provavelmente deverá necessitar de atendimento em outro turno, em salas de recursos, para o desenvolvimento de LIBRAS, da língua portuguesa e para complementar as informações obtidas na classe regular.

Esses alunos com surdez deveriam ter acompanhamentos, que aconteceriam em salas de recursos ou escolas especiais, num trabalho entre pedagogos, professores especializados, fonoaudiólogos e psicólogos.

Um item de suma importância que precisa ser revisto em sala de aula é que os alunos com surdez precisam estar sentados em um local onde possam enxergar o professor de frente, especialmente com seu rosto bem visível. Isso facilita a leitura facial, bem como pistas como gestos e expressões faciais e corporais. A comunicação visual é essencial, tanto para o aprendizado dos conteúdos dados em sala, quanto para a conquista da linguagem de sinais.

Para um bom desenvolvimento da comunicação visual ou auditiva do aluno, é necessário que o professor desenvolva o hábito de olhar para a pessoa com quem se está falando, apontar para o objeto citado somente depois de ter falado; usar adequadamente os turnos de conversação, ou seja, esperar a própria vez de interagir, para se atingir um bom entendimento do que é passado.

Para se comunicar melhor com o aluno com dificuldades auditivas, além dos recursos visuais, também podem ser utilizados objetos concretos, como fotos, gravuras e desenhos. Ainda podem ser utilizados línguas de sinais, mímicas e gestos que ajudem a dar sentido ao que está sendo estudado.

Sempre que nas salas de aulas, em pronunciamentos oficiais, propagandas políticas ou outros programas especiais houver um estudante surdo, deve-se oferecer a parceria de um intérprete ouvinte para o estudante surdo, além de alfabetos, numerais, cartazes explicativos, murais adaptados para surdos. A família também pode participar dessa experiência e utilizar o próprio conhecimento na orientação das pessoas que convivem com o surdo.

Semear é uma coisa que já vem sendo feita há muitos anos, mas sempre precisamos melhorar, já avançamos muito e pretendemos que esse progresso seja cada vez melhor para corroborar com essa questão, o que falta é mais atenção, mais amor e mais disposição da parte dos governantes e principalmente dos profissionais especializados para com os alunos inclusivos.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Assim como muitos, meu maior sonho profissional é conseguir passar em um concurso público, por conta da estabilidade e do salário digno que este irá me proporcionar. Meu objetivo é sim trabalhar na minha área de atuação. Assim como o trabalho que pude desenvolver no ano de 2016, como Educadora Social Voluntária em uma escola pública, pretendo seguir a carreira na educação.

Gostaria de poder trabalhar com a educação infantil, seja como professora ou como membro da sala de recursos, trabalhando com alunos com necessidades educacionais específicas. Assim, coloco esse sonho em minhas orações, nas mãos de Deus, um sonho a ser realizado algum dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB 2/2001*. Diário Oficial da União, Brasília 14 de setembro de 2001.

Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>

BRASIL, *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abril 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: MEC/SEESP 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica*. In: *Direito à Educação: subsídios para gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais*, Brasília: MEC/SEESP, 2004.

BRASIL, *Programa Educador Social Voluntário*. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/02/05/programa-educador-social-voluntario> Acesso em: 10 de abril 2018.

BRASIL, *Região Administrativa – Planaltina – DF*. Disponível em : <https://www.planaltina.df.gov.br> Acesso em: 22 de maio de 2018.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, *Necessidades Educativas Especiais - NEE* In: Conferência Mundial sobre NEE: Qualidade UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994

STOKOE, William. *Sign Language structure*. Maryland: Linstok Press, 1960.

ANEXO I

Autorização para uso de nome e imagens em trabalho acadêmico

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE NOME E IMAGENS EM TRABALHO ACADÊMICO

Eu, Rosmery R. Vieira de Sousa, identidade 1006024,
CPF 399158321-68, gestor(a) responsável pela Escola Classe "03" de
Planaltina-DF, autorizo o uso do nome e as imagens da escola em trabalho
acadêmico de conclusão de curso de graduação na Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, da aluna Gabriela Oliveira de Freitas.

Estou ciente de que o nome e as imagens da escola, serão utilizados
somente para fins científicos, pedagógicos e não comerciais, resguardadas as
limitações legais e jurídicas.

Brasília, 04 de julho de 2018.



Nome:

Cargo: